

DELICADEZAS DA POÉTICA BARRIANA (SOBRE MANOEL DE BARROS)
DELICACY OF POETIC BARRIANA (ON MANOEL DE BARROS)

Rodrigo da Costa Araújo

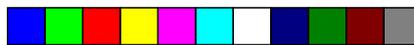
*Eu queria pegar na semente da palavra.
Poesia é um desenho verbal da inocência!*

Manoel de Barros

O título desta resenha, fragmento de um contexto maior, - “Eu queria que minhas palavras de joelhos/ no chão pudessem ouvir as origens da terra”, p.65 -, ecoa uma poética que procura o silêncio das palavras, - por mais que os rios murmurem -, a impossibilidade de tudo dizer -, por mais que tudo seja dito -, com o pré-verbal e com uma gramática própria, sublime e delicada.

Lê-la, sem dúvida alguma, é ler, também, a linguagem dos brejos, dos grilos, do trânsito implacável por entre os lírios vegetados em caracol, gorjeios de pássaros, absurdos divinos, borboletas, linguagem das rãs, encolhedores de rios, entre outros personagens sutis, avulsos e coletivos da poesia transgressora e epifânica de Manoel de Barros.

A sensibilidade poética do autor de *Gramática Expositiva do Chão* [1990] instiga, agrega, emociona e toca delicadamente, o leitor sensível por paradoxos, constroi a riqueza da simplicidade em frases e significantes, que juntos, formam um universo-rio onde flutuam pedras preciosas, e que de tão corriqueiras e claras, só brilham arroladas após o olhar do leitor e do trata-



mento especial do poeta. Por isso, e, por vários motivos, sua poesia é carregada de despropósitos.

Esses despropósitos, muitas vezes, são associados à linguagem infantil - “A infância da palavra já vem como primitivismo das origens” [p.33], - mas a infância, nas linhas e entrelinhas do discurso leve e descontraído, significa para o poeta significar não um ideal de simplicidade ou inocência, pelo contrário, reponta um olhar sem vícios, uma linguagem “sem excessos” ou “poluída” pelos adultos, e, por isso mesmo, plural às associações mais inesperadas.

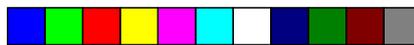
Molhada pelo líquido viscoso e ambíguo da prosa poética e escorregadia de Guimarães Rosa [1908-1967], a poesia de Manoel de Barros mergulha o leitor - nada inocente - no chão infantil das palavras, na metalinguagem que reforça, insistentemente, - como também fez Clarice Lispector [1920-1977] -, a paixão pelas palavras. E, por isso mesmo, diz em tom encantador: “Penso nos rios infantis que ainda procuram declives/ para correr” [p.29] ou, ainda, “Escrever o que não acontece é tarefa de poesia” [p.31].

Tudo de alguma forma, nesse livro, reforça o “absurdo divino das imagens”, sobretudo as imagens que vêm do chão da infância, do idioma e do “menino do mato” - “Eu queria mesmo que as minhas palavras/ fizessem parte do chão como os lagartos/ fazem” [p.65]. Na escritura leve e vislumbrante, as imagens da infância assumem o delírio da palavra e a carga semântica de passagens significativas, apesar de não representarem isso tudo em significantes.

O livro *Menino do mato* [2010], dividido em duas partes - a primeira “Menino do mato” - e a segunda parte “Cadernos de aprendiz” - é uma longa narrativa. Uma narração lírica que divaga para o particular e o minúsculo, sem desprezar o desejo de universalidade. Feito poema-rio que deságua - metáfora significativa para se pensar o livro como um todo - segue por noventa e seis páginas enlaçando o estilo memorialístico ao desenho da infância que, reforçado pela epígrafe inicial e as paisagens que cita, privilegia o traço delicado, informe e provisório da figura, marca de um texto rasurado e em processo.

Manoel de Barros, com isso, capta a poética fragmentária com sensação de inacabada, vislumbrada na Modernidade por Baudelaire e, que, sem dúvida nenhuma ressoa com as Artes Plásticas, o gênero da improvisação, os croquis, a aquarela e a água-forte. Poesia e pintura, desde a capa, - paratexto de abertura da obra -, passam a ser referenciais entre a alusão e o experimentalismo, o inacabado e o sensível.

O “eu-narrativo”, - condutor que enuncia o discurso -, é um adulto que lembra do menino que foi, e, esse “menino do mato”, apresenta-se como aquele que busca o novo, o ainda não-dito, extrapolando para a liberdade. Nesse livro, o difícil caminho do menino é, também, o mesmo do poeta diante da criação, por isso infância e poesia se alimentam de devaneios. “A gente gostava das palavras quando elas perturbam o sentido normal das ideias”, diz o narrador astuto, na sua metalinguagem.



Esse menino, como muitos outros citados na poética barriana, presente em cada cena ou palavras do livro, ecoa do título que nomeia a obra e se contextualiza no universo distante dos centros urbanos e, portanto, as referências e os interesses dele dizem respeito a elementos da natureza, o que instiga os sentidos e amplia a percepção: “Nosso conhecimento não era de estudar em livros”./ “A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras” [p.11].

Como se estivesse voltando a um filme em pequenos *flashes*, e vendo-se menino, esse narrador confessa em tom metalinguístico: “A gente gostava bem das vadiações com as palavras do que das prisões gramaticais” [p.12]. A segunda parte do livro – escorre e fragmenta cada vez mais o discurso – assume desníveis em relação à primeira. O narrador adulto, valendo-se de falar de si pela mediação da infância e pela forma estética, recompõe certo autorretrato. Essa postura, extremamente fragmentária, feito anotações em um caderno escolar, capta o efêmero e o fugidio do instante ou o detalhe significativo do *close* da cena. Pincela-se, assim, o contorno do quadro pelo toque distorcido de expressividade e subjetividade, estilhaços de uma poética da fragmentação e do desvario. Uma profusão de imagens partidas da memória infantil que irá permitir a Manoel de Barros contemplar-se duplamente nos desenhos da capa – expressões delicadas de sua figurativa ambiguidade. Desenho e palavra, poesia e pintura rupestre, de certa forma, confirmam que: “Ele sabia que as coisas inúteis e os homens inúteis se guardam no abandono. Os homens no seu próprio abandono. E as coisas inúteis ficam para a poesia” [p. 91].

Referência:

BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. São Paulo: Leya. 2010. ISBN: 978-85-62936-15-9

Texto aprovado para publicação em abril de 2010.